

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

**PREÇO DAS ASSIGNATURAS**

EM AVEIRO: anno (30 n.ºs) 15000 rs.; semestre (25 n.ºs) 8000 rs.  
 FORA D' AVEIRO: anno (30 n.ºs) 18125 rs.; semestre (25 n.ºs) 9062 rs.  
 BRAZIL, (moed. forte) e Africa oriental anno... 15500

**Publica-se aos Domingos**

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

**PREÇO DAS PUBLICAÇÕES**

Na secção dos annuncios: cada linha 15 rs.  
 No corpo do jornal: cada linha 20 rs.  
 Numero avulso 30 rs.  
 Redacção e administração — rua Direita.

**AVEIRO**

**SUBSCRIÇÃO**

Está aberta n'esta redacção a subscrição para a lapide que se ha-de collocar sobre a sepultura do operario e livre pensador Jeronymo Rodrigues Carlos Salgado, enterrado civilmente, no dia 30 de setembro de 1883, na estrada que conduz ao recinto do cemiterio, e a quem as autoridades de Aveiro negaram sepultura d'entro do cemiterio publico.

Transporte..... 435350

(Continua.)

**A industria monarchica**

Falla-se em um novo emprestimo, falla-se em mais impostos. Decididamente a monarchia constitucional não tem emenda. Está irremediavelmente perdida e condemnada, e nada ha já que a possa salvar.

Temol-o dito e não nos cançaremos nunca de o repetir. De tres expedientes vive hoje, principalmente, o constitucionalismo portuguez—de contrahir emprestimos, de lançar impostos e de produzir fornadas.

Lançam-se impostos, não com o fim de extinguir o deficit, que sobe já a mais de 7:000 contos, mas unicamente para pagar os juros dos emprestimos contrahitos, a ponto de mais de metade da nossa receita ser absorvida para pagamento de juros da divida publica. E' monstruoso tudo isto!

Contrahem-se emprestimos, não com o intuito de levantar o paiz moral e materialmente aos olhos do estrangeiro, mas simplesmente para saciar a avidez do compatrio guloso, que precisa anichar-se em conexas rendosas e em pingues e fartos canonicos

tos, como as viajatas pela Europa á custa do thesouro, com tres e doze libras diarias, conforme succedeu com o sr. Deslandes, director da imprensa nacional, para estudar encadernações, e com o sr. Serpa para negociar o mais ruinoso e indigno tratado, que nunca as industrias portuguezas possuiram. Contrahem-se emprestimos, para que á camarilha real não escasseie o dinheiro, que carece de empregar em batotas immundas, em alicantinas nojentas, em veniagus e em torpezas de toda a especie. E' uma verdadeira infamia o que, n'este momento, se está passando n'este desgraçadissimo paiz.

Dinheiro! mais dinheiro! sempre dinheiro! é o que se pede e reclama, como se isto fóra já uma pura questão do bandido que nos ameaça com a vida ou a bolsa...

Dinheiro! mais dinheiro! sempre dinheiro! porque tudo é pouco, para satisfazer a desmedida voracidade d'essa familia estrangeira e privilegiada, que para ali nos explora em beneficio proprio.

Dinheiro! mais dinheiro! sempre dinheiro! é a palavra de ordem, nas altas regiões do Estado.

Miseria! mais miseria, e sempre miseria! é a triste e unica realidade das baixas camadas sociais.

Não ha muito ainda que, sob pretexto de extinguir o deficit, o sr. Fontes nos contemplou com DOIS MIL CONTOS de contribuições. O deficit cresceu, e os melhoramentos materiaes estão hoje, pouco mais ou menos, como estavam por essa época.

N'este crescendo de impostos e de imprestimos não tardará por certo muito a declarar-se a nação em plena bancarrota financeira, assim como já o está presentemente em plena bancarrota de moralidade. Quasi sempre as duas bancarrotas se dão as mãos, quando a ruina bate sinistramente ás portas de um paiz, com todo o

seu cortejo de fome, de falta de trabalho, de torpezas e de abusos, de vexames e de crimes.

Uma cousa resta ainda a fazer, se realmente o povo portuguez ama o seu paiz e está resolvido a ter juizo, ao menos um dia:

«Em vez de estender a mão, como um covarde, erguer o braço, como um forte...»

E terá resolvido a questão...

Magalhães Lima.

**A farçada monarchica**

I

No rapido resvalar das ultimas torpezas da monarchia em Portugal, não desmente a realçsa as suas tradições.

Nada tem apprendido nem esquecido. E o sr. Fontes, o cozeiro prognosticado da monarchia dos Braganças, esse velho tonto e gaiteiro que para ali empunha o leme da nau do Estado, é sempre o mesmo homem, perfeitamente á altura da bambochata tão amada do sr. D. Luiz de Bragança.

Nada respeitam esses homens. O paiz é terreno conquistado. Não o esquecem elles, e não nol-o deixam esquecer. As armas dos hespanhoes e dos inglezes conquistaram o throno para a Sr.ª D. Maria II, a digna matrona levada á immortalidade pelo *Espectro*. O sr. D. Luiz é filho de sua mãe, exactamente como o sanguinario Affonso XII. Isabel de Bourbon e Maria de Bragança apparecem na téla do futuro, evocadas pela Historia, d'um immenso charco de sangue, e sangue que jámais seca, porque foi vertido por martyres.

Está felizmente no principio do fim.

Os escandalos, as illegalidades, as infamias succedem-se dia a dia.

—Este famoso Degrange, dizia elle consigo mesmo, por um infeliz momento que não se acha a braços com dois homens algum tanto valentes e com uma prudente rapariga, mas eil-o na extremidade do seu giro. Ah! pois julgas que a policia sabe, vê e ouve tudo?! Muito bem, procura somente descobrir em Poitiers os irmãos Azues, pois que estás certo em elles abri estarem. Ah! tu dizias que eu devéra impedir Malet de sair da sua casa de saúde! Imbecil, que se julga um verdadeiro policia, e que não duvida sermos uns fracações cada vez que um traidor, um bebado ou uma mulher vem deslizar a nossa tarefa! Busca, Degrange, busca. Méhu é outra coisa; mas aquelle passava muito pela cidade, bebia muito, passava a maior parte do tempo junto das meretrizes, dá-se ares d'extravagante e de debozado por n-o descobrir ao menos um intento. Sempre fiz muito bem em ir, esta manhã, prevenir a pequena Julietta. Ella terá sem duvida sagacidade para por nos ares e Georget sob a sua protecção.

Entretanto que Jacotin, denominado Pipete, se entregava assim a este interior monologo, o jantar do hotel dos *Trois-Freres* se acabava. Os hospedes levantavam-se da mesa e preparavam-se para sair. Mas, ao sairem da

Ha pouco eram os emigrados hespanhoes, expulsos de Portugal pelo governo da gravidade, contra todas as convenções, contra a lei da hospitalidade, e da propria humanidade, pelo crime unico de serem republicanos, e de terem intentado implantar no seu paiz a forma de governo por que almejam. Este crime que envergonha esta briosa nação foi denunciado pela imprensa estrangeira, e elles, os sarrafações do sr. D. Luiz indignaram-se, os indignos!

O sr. condestavel D. Augusto é elevado a general pelos aulicos da côrte, em menoscabo da lei, e com grave offensa dos brios de toda a officialidade do exercito.

A sr.ª D. Maria Pia, o anjo sem azas, viaja á custa da nação; o sr. D. Carlos continua viajando e gastando depois de ella recolher aos braços do seu esposo e rei; o Zé-povinho paga tudo, que é rico.

Ultimamente outro esbanjamento se preparava: o sr. D. Luiz queria metter a colher na grande intriga que os reis estão urdindo contra a Democracia em geral e a França em particular; o sr. de Lourenço Marques & C.ª desejava chamar a Lisboa o príncipe imperial da Allemanha. Quem pagaria as festas?—O Povo!

A' ultima hora as folhas de Lisboa falam de escandalos inauditos. O governo da gravidade é um governo de batotas. E o sr. D. Luiz, está sendo, sem figuras de rhetorica, um simples protector de batoteiros.

Pedimos á policia que proceda immediatamente contra a monarchia.

II

Ora, é preciso que o sr. Luiz e os seus batoteiros predilectos saibam que nem tudo no paiz lhes pertence, e que pelo menos

sala de jantar elles foram detidos pelo proprietario do hotel, que os dirigio a uma outra sala e na qual encontraram o commissario de policia Galerne que, com a necessaria gravidade, lhes ordenou que apresentassem os seus passaportes.

Todos os caixeiros viajantes estavam perfeitamente munidos. Restavam Degrange, Jacotin e Méhu. Degrange apresentou ao commissario uma carta, e este inclinándose com respeito disse: «Eu pego perdão ao sr. inspector geral dos direitos reunidos; todavia apenas desempenho os deveres do meu cargo.» Jacotin tinha um passaporte cuja assignatura era João Baptista Tribot, pertencente á casa Tribot e filho, que se dirigia de Paris a Poitiers para tratar de negocios concernentes ao seu genero de commercio. O commissario examinou minuciosamente esse passaporte e tornou a restituil-o sem nada dizer.

—E vós senhor, disse elle para Méhu, que é do vosso passaporte?

—Não o tenho, respondeu Méhu com precisão.

—O vosso nome?

—Paulo Empregado nos fornecimentos para o exercito.

—Visto isso não te des papéis. Po-

o povo não está com elles, porque não joga a vermelhinha.

O sr. D. Luiz bem sabe.

Mas, se o principio do direito divino por nós já discutido n'esta folha, é soberanamente ridiculo, o constitucionalismo, esse então é inqualificavel.

Sophismas, embustes, contradicções, miseraveis farçadas, tudo baseado na erronea opiuição de Thiers, o ministro d'un outro Luiz Philippe, que tinha sobre o sr. Luiz de Bragança a grande vantagem d'uma educação perfeitamente democratica: *O rei reina e não governa.*

O sr. D. Lourenço, quereinos dizer o sr. D. Luiz reina mas não governa. O sr. Thiers valia bem o sr. Fontes quando avançou um tão monumental disparate. O sr. Fontes, para valer bem o sr. Thiers, está-se ensaiando para libertador do territorio, cozeiro inconsciente e involuntario da monarchia, e fusilador dos insurgentes. O sr. D. Luiz toca-lhe a ária dos perús da *Mascotte* e vae puchando aos cordeis. Lá reinar, reina elle, mas só governa por trás da cortina...

Bem bom. Nós lembramos ao sr. D. Luiz e aos seus que professem no instituto de Loyola. Poderão talvez prestar ainda alguns serviços á Companhia...

Porque no fim de contas, o rei d'uma monarchia catholica, embora se diga liberal, pode ser lazarista, e lazarento, e o diabo se necessario fór.

Pois, sr. D. Luiz Lourenço, se V. M. reina apenas, diga a quem nos governa, que de duas uma: ou a monarchia é catholica, ou liberal; não se póde correr a dois carrinhos. O liberalismo soffreu o anathema do *Syllabus*, encyclica que todo o fiel catholica é obrigado a acatar, sob pena d'excomunhão.

Em que ficamos então, é catholico ou liberal?

deis dar aqui o conhecimento d'alguem?

—De ninguém.

—Tende cautella. Vejo-me, então, forçado a lavar contra vós um mandato provisorio de prisão.

—Tanto peor para vós; o ministerio da guerra vos saberá agradecer, respondeu Méhu n'um tom avinhado e quasi grosseiro.

—Ah! sim! Pois bem, segui-me. Degrange não pode dissimular um vivo movimento de contrariedade. Enquanto a Jacotin, elle rousou por entre os dentes:

—Ah! velhaço! o mastim faz-se prender de proposito!

IX

O commissario de policia Galerne fez conduzir o grande Méhu á *mairie*, e lá no seu gabinete, começou com um segundo interrogatorio. Méhu sustentou outra vez aqui o que já respondeu anteriormente: não tinha passaporte e ninguém conhecia em Poitiers; mas não obsteo isso se o commissario de policia tivesse em predo-o o ministro da guerra agradecer-lho-ia com certeza. E isto disse-o n'um tom provocante e como um homem que está senno de si.

O commissario de policia estava bastante perplexo. Elle recebera ordens do sr. Luiz

(14) **Folhetim**

**A. RANC**

**HISTORIA D'UMA CONSPIRAÇÃO**

O duque de Feltre, que tinha o maior empenho em demonstrar a incapacidade do duque de Rovigo, enviara Méhu á Poitiers, na mesma occasião em que alguns policias, que eram antigos militares, tinham sido incorporados nos regim-ntos em os quaes se julgava acharem-se grande numero de confrades dos irmãos Azues. Méhu convenceu-se logo, em dois dias, que nada conseguiria pelos meios ordinarios. Resolvera jogar o todo pelo todo,—e buscava todos os meios para se avisinhar de Pedro Roc'eruil sem que com isso suscitasse qualquer suspeita.

Em Poitiers havia apenas, como garantição, uma companhia de veteranos e o deposito d'um regimento de cavallaria. Méhu

experimentara um official dos veteranos que alguem lhe designara como pouco attencioso, mas afinal este nada se descozeu. Não obstante Méhu tinha uma ideia fixa que era: d'um modo o mais natural penetrar na Vizi-tação. Entretanto que esperava, elle levava uma vida alegre, contando alias com Degrange para apanhar a caça, se por acaso a houvesse em Poitiers. Considerava Degrange como um cão de caça ás suas ordens, seguindo-o com a vista em todas as marchas, e contra-marchas, e espreitando sempre o momento em que elle cairia em algum laço. D grange vigiava Méhu, e aquelle era vigiado por este proseguindo os apontamentos sem interromper o algum.

O padre Jacotino, esse, era feliz como um peixe n'agua. Tinha recebido do sr. Pouché novas instruções as quaes se resumiam n'isto: «continuar a seguir de perto os policias do ministerio da guerra e os da policia geral, estorval-os e nada desprezar para lhes tolher os fins.» Jacotin julgava-se entre os anjos: tocava agora a alvo das suas esperanças; os seus desigulos effectavam-se elle ia finalmente conspirar e policier.

Parecia já assistir, como *dilectante*, á desventura de Méhu e Degrange a debaterem-se no vacuo.

Ai! pois tomaram essa gente a serio? Elles não são catholicos nem liberaes. Elles são uns arlequins. Isso não é monarchia nem é democracia, é uma burla, é a farçada monarchica, é uma opereta digna d'Offenbach, sem musica nem scenario, porque apenas se pôde ver depois de chá, para adormecer-mos com um sorriso beatifico a volitar-nos nos labios.

Tal foi a obra do avô do sr. D. Luiz Philippe de Lourenço Marques Saxe Couburgo e Bragança.

E não se queixem das nossas gargalhadas.

Apenas se discutem os principios; e a monarchia constitucional jamais os teve.

Isto ha de ir; se não fôr aos piparotes vae aos pontapés.

Heliodoro A. Salgado.

## PELA EUROPA

O manifesto de Ruiz Zorrilla produziu uma vivissima sensação em Hespanha. O governo apressou-se a processal-o para que os jornaes o não podessem reproduzir. Mas não ganhou nada com isso. Elles lá o vão commentando com extraordinario interesse e não se falla em outra cousa nos centros politicos, nos gremios, nos clubs, em toda a parte.

Ruiz Zorrilla ataca valentemente a monarchia. Diz que os Bourbons foram sempre um estorvo terrivel ao desenvolvimto da liberdade e ás conquistas do progresso. Prova que a sua unica missão no mundo tem sido assassinar liberaes e prostituir-se indignamente, citando os palacios onde tramaram as conspirações contra os povos e onde assentaram os bordeis. Faz vêr que todas as nações os expulsaram, que a propria Hespanha se tem debatido em luctas crueis contra elles, accrescentando que horrorisa pensar no sangue vertido por essa raça damnada. Lembra os centenares de fusilamentos decretados por essa maldita familia, os centenares d'individuos que morreram de fome nas prisões, as torturas, as desgraças que a Hespanha tem soffrido por causa dos Bourbons. Prova com factos historicos que a liberdade é incompativel com elles, citando o modo infame porque têm abafado as regalias populares e a pressa, a soffreguidão, a alegria com que tem sancionado todas as medidas oppressivas, clericas e retrogradas. Demonstra com varios suc-

cessos, entre os quaes aponta os fusilamentos de Ceuta e Santo Domingo de la Cazada, que D. Affonso XII segue o trilho e as pisadas dos seus antecessores. Declara que o verdadeiro revolucionario, o verdadeiro anarchico, o verdadeiro desordeiro é elle D. Affonso, porque pôe fora da lei os partidos democratas deixando-lhe a revolução como a unica porta por onde possam sahir.

Affirma que o exercito é revolucionario e republicano por convicções, tanto que os carlistas, apesar da sua força, nunca conseguiram sublevar um batalhão, vendo-se obrigados a fazer a guerra com forças populares. Diz que está feita a união do partido republicano, que a monarchia está irremediavelmente perdida e que se ha-de fazer a revolução de por onde dêr. Indica o estado miseravel da Hespanha em todos os ramos economicos e administrativos e termina dizendo que não voltará a Hespanha enquanto não for proclamado o suffragio universal e a Constituição de 1869 com amnistia completa para todos os emigrados hespanhoes.

As ultimas palavras do manifesto são:—Nunca, nunca, nunca transigirei com os Bourbons.

As declarações de Zorrilla cahiram como uma bomba no paiz visinho. Talvez já se relacionem com ellas as medidas severas que o governo vae tomando em varias cidades, onde as ruas são vigiadas constantemente por patrulhas sem numero. O que se não pode contestar o que se mette pelos olhos de todos, é que a revolução está imminente em Hespanha.

O partido da esquerda dynastica, que se dizia chamado a conciliar a democracia com o throno, desapareceu moralmente da scena politica. Acredito que o pobre tivesse bons desejos de avançar pelo caminho do progresso, mas esbarrou na corôa e quebrou o nariz. Afinal, este resultado era facil de prevêr. D. Affonso, ainda que finja ser mais respeitador da opinião publica do que os seus antecessores, odeia como elles todas as medidas liberaes. Sabe-se que Sagasta, o qual promettera na opposição applicar no poder os principios avançados, foi chamado ao Paço na occasião de se declarar a crise no ministerio cconservador e ali lhe disseram que só em certas e determinadas condições lhe seria entregue o

governo. Esecusado será enunciar essas condições logo que se diga que Sagasta faltou a tudo quanto promettera.

O mesmo se está dando com a esquerda. A esquerda não pode fazer nada porque o rei não quer. O sr. Lopez Dominguez e o sr. Moret sabem-no bem pelo que lhes disseram antes de lhes entregarem as pastas. É natural, portanto, sem deixarem de sêr dignos de todas as sensuras, que não queiram agora o que queriam ha bem pouco tempo; isto é, a Constituição integra de 69 e o suffragio universal.

São tantas as provas que estão surgindo na Europa em favor da incompatibilidade do throno com a liberdade, que me parece estar toda a gente convencida d'ella.

Mais um martyr da liberdade irlandesa:—O Donnell. Este individuo foi o que assassinou o infamissimo Carey, aquelle refinado tratante que denunciou a policia ingleza os seus companheiros nas associações secretas, que pagaram já com a vida e a prisão o amor pela autonomia da sua terra. Levado perante os tribunales inglezes, foi condemnado a morte. Porém o seu crime era tão digno, o vilissimo Carey tão odiado no mundo, que em toda a parte se ergueu um brado de perdão para o infeliz. O'Donnell.

O governo dos Estados-Unidos pediu ao da Inglaterra, por se suspeitar da nacionalidade de O'Donnell, que suspendesse a execução da sentença e o grande Victor Hugo pediu á rainha a commutação da pena.

Porém a gente da Gran Bretanha a nada cedeu e O'Donnell foi enforcado.

Eis a carta de Victor Hugo: «A rainha de Inglaterra tem mostrado por mais d'uma vez a grandesa do seu coração.

Se ella conceder a vida ao condemnado O'Donnell, receberá o agradecimento unanime e profundo do mundo civilizado.»

Ignotus.

## A' volta d'Aveiro em oito dias

(FACTOS E COMMENTARIOS)

É impossivel. Por mais que eu tente, por mais que eu vagueie, nada vejo, nada encontro que prenda e de leve as minhas attentões, absortas n'uma lethargia fria, somnolenta.

Ao embocar a gente pelas ruas adiante sae nos, lá do fundo, o atrevido d'um nordeste tão insolente, tão

sem cerimonia, que nos vem espicaçar a pelle, como bicos d'aço, e nos faz reucar para traz sem amor nem piedade. No entanto succede ás vezes fazer-se-lhe frente; e que faz o cobarde?... fuge a agachar-se por detraz das portas das cazas, e a pôr-se a nivar tetricamente nas frinchas descerradas que nem cães esfomeados.

Aveiro é isto, simplesmente isto e pouco mais. Todavia não me admira isto; porque, a fallar a verdade, Aveiro agora só pensa, quasi geralmente, em comer, beber, apanhar indigestões, tomar o seu *biquinho*; em gozar, folgar, tudo, tudo que possa servir de combustível ao insaciavel ardor dos seus desejos materiaes.

Passa a gente; e para qualquer banda que espraie a vista não vê sã não grandes, fartis taboleiros, lindos açafates recatados sob compridas, lavadas toalhas de linho, com bordados a *crochet*, perpassando n'um redemoinho louco, frenetico, desvaivado, que põe manchas fugitivas de neve em as ruas varridas por um nordeste mais aspero do que ferrugem.

Tudo são folganças a mãos cheias, tudo e por toda a parte é prazer barato... mais ai que inferno! que doloroso martyrio! Decididamente o inverno é a estação das agonias, dos tormentos mais agros, das lutas mais renitentes! Que demonio, uma inferneira assim é insupportavel. Irra! que é de mais.

Os *bixanos* andam n'uma dobadouira diabolica, gaiteira, por cima do gelo dos telhados; n'um corropio nervoso, desvaivado, cheio d'inquietações irriqueias, sensuaes, a carpir choradeiras maguadas de quem soffre dolorosamente, e a suspirar, em lá menor, desafinadas lamurias de namorados lymphaticos que nos apouquentam solemnemente.

E os miseraveis que continuam... Ora esta, só pelo diabo! Vejo-me em a necessidade d'acabar com a chronica, apagar a luz, e metter-me já em valle de lençoes, porque assim é inteiramente impossivel continuar.

Não, mas primeiro vou enxotal-os de ao pé da porta; porque então também o somno me desampara, e eu tenho de passar a mais horrivel das noites.

Com effeito as lamurias pararam como estacadas, e eu pude então lo-brigar ao sopê das cazas, no fundo da escuridão da rua, alguns vultos miudos a correr desabridamente em diferentes direcções.

—Não faça caso d'isso, meu visinho; ouvia eu dizer-me n'um tom aflautado a minha visinha bisbillhoteiramente encaixilhada na janella de frente, — como estamos chegados a janeiro, isto, provavelmente, são dôres de dentes que n'esse tempo costumam atacar os gatinhos.

—Ai, sim?... Então adeus, boa noite, visinha, e obrigado pela explicação. Respondi-lhe eu, correndo a vidraça da janella.

Depois d'isto, leitor, não me sentindo com mais forças, mergulhei-me nos lençoes da cama e soprei á luz desejando-vos, n'uma cordialidade convicta e sincera, o mais feliz e alegre dia de Natal.

Au revoir.

Quinto-Curcio.

d'instrução Draut, mas se involuntariamente commettesse algum erro, e se na verdade o sr. Pavie fosse um protegido do sr. duque de Feltré, não seria o juiz d'instrução que tiraria de embarço o commissario de policia.

O sr. Galerne via-se ameaçado; não por causa dos negocios politicos, os quaes não lhe diziam respeito, mas pela censura do *maire* do prefeito relativa á sua sensibilidade com os negocios ordinarios. O prefeito tinha-lhe mandado, na ant-vespera, uma aspera rprehensão: «Escolhei entre inapto e destexado, dissera-lhe elle.» O mau humor do prefeito e do *maire* comprehendiam-se. Todas as pragas do Egypto se tinham ao mesmo tempo descarregado sobre Poitiers. Os eternos inimigos da paz publica tinham escolhido esta infeliz cidade para centro das suas operações, e os gatumos mais destros tinham também feito d'ella o principal theatro das suas façanhas.

Ha cinco mezes pouco mais ou menos audaciosos roubos ali se commettiam durante a noite. Não se passava sequer uma semana que uma porta não fosse arrombada. Os ladrões tiveram a coragem e a audacia de assaltar a propria casa do padeiro geral e não se resolveram a afogar-se se os auidos d'um enorme cão das *Cévennes* que

dormia na secretaria os não obrigasse a isso. No dia seguinte, encontrou-se a lamina de ferro com a qual o mais agil d'elles tentou arrombar a janella seguramente fechada. Era um trabalho que só podia ser attribuido a um habil operario ou então a um ladrão de profissão.

Reinava um verdadeiro panico em toda a cidade; as portas eram fechadas a trez chaves; os negociantes dormiam nas proprias lojas e os creados; que se levantavam duas e trez vezes durante a noite para rondar, armavam-se até aos dentes. Comtudo os roubos n' o acabavam e os larapios andavam insaciaveis.

O commissario de policia Galerne demonstrava de balde ás autoridades que com o pequeno numero de policia de que dispunha, lhe era custoso, para não dizer impossivel, impor uma seria vigilancia; todos o acuzavam, tornando-o responsavel de todo este mal, e elle receiava bastante ser transferido ao menor pretexto que apresentasse.

Compreendem-se agora os seus receios. Se elle inscrevia o sr. Pavie, e o sr. Pavie realmente era um barginze honrado, isto lhe custaria muito. D'outro modo, se o sr. Pavie era um d'aquelles que procurava o sr. Draut, ou, melhor ainda, se pertencesse ao bando dos ladrões que invadia a cidade,

de dez soldos, e outros d'um franco cada um.

A primeira noite custa trinta soldos por causa da lavagem dos lençoes.

—Tomai então uma peça de trinta soldos, sr. carcereiro. A respeito de meza como vamos?

—Como melhor vos agrada, senhor. Tereis aqui a mesma cosinha do hotel dos Trois-Piliers, se quizerdes. Antes de minha mulher ser madame Descosses, foi cozinheira no palacio do sr. bispo. Infelizmente a Revolução veio mais cedo do que se esperava.

—Muito bem. C nduzi-me ao meu quarto, sr. carcereiro, e trazei-me uma boa garrafa.

—O' senhor! isso é contra o regimen. No entanto para vos ser agradavel pela primeira vez tomarei sobre mim a responsabilidade de vos servir; mas guardai segredo: é prohibido dar vinho aos presos a uma hora tão impropria.

—Uma ultima palavra, sr. carcereiro. Ha entre os vossos prisioneiros gente com quem se pode fazer uma sueta?

—Como, senhor! Temos aqui apenas duas unicas pessoas, o sr. Pedro Rochereuil e o sr. abbade Georget que são presos politicos, muito prudentes e com os quaes se pode estar á vontade. Se o tempo amanhã estiver

## CARTAS

Não recebemos carta do nosso predissimo correspondente do Porto.

Lisboa, 21 de dezembro.

Abriam-se as camaras na segunda feira, como prenunciei. O sr. Fontes apresentou n'esse dia o ministerio aos deputados. Disse que o sr. Julio de Vilhena sabira por se considerar incompativel com os constituintes; o sr. Thomaz Ribeiro por pretender arranjar uma lista de regeneradores e progressistas para a camara municipal e o sr. Serpa por estar doente. Accrescentou que dois d'estes foram substituidos pelos srs. Pinheiro Chagas e Aguiar, por os constituintes se acharem de accordo com os regeneradores na realisação das reformas politicas.

O sr. Navarro criticou energicamente, e com razão, as palavras de sr. Fontes.

O sr. Manuel d'Arriaga fez um bom discurso analisando a conducta incoherente do sr. Fontes. E depois retiraram-se os paes da patria a descansar das fadigas diarias. Estão com uma preguiça terrivel e por isso consta que não se deitarão á tarefa do costume se não lá para fins de Janeiro.

Na camara dos pares apanhou o sr. Fontes uma sova valente, applicada pelo conde de Valbom. O prenuncio da tempestade que se avizinha.

—Chegou hoje a Lisboa o principe D. Carlos. Como sua alteza veio por mar, esperavam-no no largo de D. Fernando, em Belem, os homens da corte, em numero bem resumido. Meia duzia de moços fidalgos, outra meia duzia de titulares, ajudantes e camaristas do rei etc. A respeito de povo, nada. O largo estava deserto, á parte talvez uns cem curiosos, que nunca faltam a estas cousas, mas que se vingaram da massada, presencendo o desfilar do *cortejo real* de chapéu na cabeça. Eu assisti á chegada. A paixão nunca me cegou, nem nunca seguí o systema de adulterar os factos para servir a politica. Pois, francamente, a recepção feita hoje ao principe deve ter desgostado deveras a familia real. Foi triste, foi severa, foi vergonhosa.

O largo de D. Fernando, que é enorme, estava vazio de povo, como já disse. O pouquissimo que estava não soltou um unico viva, não se incommodou mesmo atirar o chapéu. Debalde o principe comprimentava para a direita e esquerda. Os curiosos ficavam impassiveis, encostados ás arvores, de mãos nos bolsos com um fleugma assustado. Gente official também estava muito pouca. Os marialvas tinham anunciado uma manifestação, mas tiveram medo de contra manifestações, com motivos fundados, e timidos, covardes, não foram lá uns e os outros que foram provocaram um fiasco medonho.

Foram quatorze certinhos os que compareceram, montados em bons cavallos. Limitaram-se a seguir humildemente a carruagem do principe, sem saltarem um viva. Enquanto o principe não chegou a terra entretiveram-se a fazer algazarra, a trocar entre si dihetos de cocheiro, que faziam rit os curiosos e os militares.

No largo e na rua da Junqueira formou a 2.ª brigada de infantaria e o

bom, vel-os-bois a passear na cerca.

—E' o melhor. Boa noite, sr. carcereiro. Mais um copo de vinho e boa noite. Vou agora dormir um somno o mais socegado d'este mundo.

—Não duvido isso, senhor, acreditei que o não duvido.

Nada mais desagradava ao bom sr. Descosses que esta donominagão injuriosa de carcereiro, e ordinariamente não a podia soffrer muito. Comtudo elle julgara ser conciliavel com o sr. Pavie. A principio o recemvindo offerecera-lhe um copo de vinho, cortezia que Descosses era incapaz de recusar; e em seguida os vinte napolões que tinham sido entregues na secretaria tornavam ainda o sr. carcereiro mais macio do que uma lava. Quando estas peças d'ouro reluzentes se acabassem de derreter nas cagarolas de madame Descosses, ver-se-hia logo, se não viessem outras, o sr. Descosses não mais consentir que lhe chamassem sr. carcereiro.

Porque Descosses contava em conservar retido o seu prisioneiro por algum tempo. Uma longa pratica nas prisões durante o Imperio lhe ensinara que era muito mais facil entrar do que sair.

(Continua.)

regimento de cavallaria n.º 4. Os regimentos sahiram dos quartéis ás nove horas e só la entraram ás tres da tarde, o que deu em resultado os soldados gritarem não muito baixinho:—Valha o diabo a familia real.

Emfim, depois d'uma ausencia de mezes, tão fria e solitaria recepção feita ao herdeiro da corôa foi forte. A monarchia apanhou hoje outro cheque violento.

—O réo Flora, implicado no caso do cahique Luz do Dia, foi condemnado a 1 anno de prisão e 80 contos de multa. O homem não tem dinheiro e pagará então com o costado. Não admitindo a lei, parece-me, remissão superior a 15000 réis por dia, terá o homem de soffrer dusentos e tantos annos de prisão. Aquelle sr. juiz sempre conta com vidas muito largas!

A condemnação do Flora foi uma pouca vergonha, porque toda a gente sabe que não é elle o verdadeiro criminoso.

—Os membros do directorio republicano subscreveram com duas libras para a lapide do infeliz Salgado.

—Falleceu a celebre actriz Emilia das Neves.

—Tem feito por aqui um frio diabolico.

—Lê-se n'um jornal:

«Por coincidencia, inteiramente casual, tendo crescido a divida fluctuante, no mez de novembro tambem avultou consideravelmente o dispêndio do cofre das graças. Modernamente, pôde dizer-se, que o mez de novembro findo foi um mez excepcional, em quanto á concessão de graças: subiu o numero d'ellas a 128.

«Para traz, sómente o mez de março de 1882 tem uma tal ou qual aproximação. Ainda assim houve a differença para menos de uma duzia exacta de graças, porque a concessão d'ellas attingiu então o numero 146.

«As 128 graças do mez de novembro foram: 30 gran-cruzes, 39 commendas, 1 officialato, 67 habitos e 1 honra do paço.

«Até 30 de novembro, e contando desde o principio do anno, ha 593 graças concedidas.

«No dito mez de novembro foi accêita a renúncia de uma commenda da Ordem de Nossa Senhora da Conceição Diario do Governo n.º 275.»

—O movimento do gado abatido, de 13 a 19 do corrente, foi o seguinte: 553 rezes bovinas adultas, pezo vivo 258:445 kilos, e pezo limpo 132:34 kilos; 105 rezes bovinas adultas, pezo vivo 6:956 kilos, e pezo limpo 3:945 kilos; e 99 carneiros, pezo limpo, 4:128 kilos. Pagaram de diretos 6:840\$665 réis. Foram rejeitadas 4 rezes a diversos marchantes. O preço das carnes durante a semana foi: a carne de vacca a 320 réis o kilo; a vitella a 340 réis e o carneiro a 220 réis.

Y.

Bibliographia

Ondeantes

E' este o titulo modesto mas plenamente justificado, que encima o frontispicio d'um primoroso voluminho de versos, com que o autor, o nosso bom e intelligente amigo Alberto Bessa faz a sua entrada no mundo tumultuoso e ingrato das letras, entrada que, se não se pôde classificar abertamente de triumphante, tambem não pode, sem manifesta injustiça, tachar-se de desvanecedora.

Apresentam, é verdade, os versos de Alberto Bessa, aqui e além descuidados sensíveis, vacilamentos de orientação, resentindo-se a espaços de nitidez e a espaços peccando pelo baixo pensamento, poucas, mas relevadas vão estas faltas pela simpleza adoravel que n'elles transluz e por algumas composições que se nos apresentam repletas de energias, de sentimento, riquezas de imagens e opulencias de phrase, unindo se harmonicas e verdadeiras para lhes sagrar poesia.

João de Deus, o mavioso poeta das Flores do Campo, a quem o livro é dedicado, deve, ao lél-o sentir-se realmente commovido, porque as Ondeantes encerram um brilhantissimo testemunho de admiração consagrado ao grande lyrico.

Divide se em tres partes o elegante voluminho:

Na primeira—Ecos d'alma—or-

valha o poeta de lagrimas de sandade e mágua pungentissima a pedra rasa e escura que lhe ressonde, inanimada a boa e santa mãe e diz, pela boca de Victor-Hugo:

—Oh! l'amour d'une mère! amour que nul n'oublie! Pain merveilleux qu'un Dieu partage et multiple! table toujours servie au paternal foyer! Chacun en a sa part et tous l'ont touché!

Tem versos sentidos, ditados pelo coração orphão d'aquelle santo amor e repassados d'uma funda tristeza dolorosa.

Esta parte só, vale o livro todo. Na segunda—Femininas—ha risos e prantos, lyricos e goivos, perpetuas e pétalas de rosa, juntas e baralhadas d'um deliciosissimo melange, e de que o poeta compoz um elegante ramilheite, rescendendo lyricismo, irradiando saudades e scintillando alegrias sonoras e limpidas como a sua formosissima alma de inspirado.

Se esta parte não se recommenda pela mesma força e correção da anterior e não é, no material do verso, inenunciavel, não deixa, com tudo, de ver, a espaços, no vôo da inspiração, victoriosa.

Formam a terceira e ultima parte, dez composições dedicadas a alguns iminentes poetas, a pessoas da intimidade do autor, a outras a quem tributa admiração e respeito e uma ao mais insignificante dos seus amigos, ao humilde redactor d'estas linhas.

Os—Fuzilados de Numancia—são um brado de indignação fervente contra o barbaro assassinato d'aquelles valentes que com a espada andavam escrevendo estrophes para o grande poema da Liberdade—herança do Christo e que ainda ha-de ser o Evangelho de todos os altares e o verbo de todas as almas do mundo.

Descurada como está esta composição, não deixa, todavia, de ter merecimento, e duplo valor teria o livro de Alberto Bessa se, em vez de ser a expansão do lyricismo suerê de que se achava repleta a sua boa alma de sonhador, tentasse guiar a humanidade e aperfeiçoar o povo.

E' a litteratura e muito principalmente a poesia que cumpre fazer. «Desde aquelle legislador antigo que vasou as leis no cadinho do verso, até aos revolucionarios modernos que pré-gavam da barricada pela voz de Rougier de l'Isle, pertenceu sempre a litteratura—condição mais forte que a espada—illuminar as massas e traduzir as paginas do coligo!»

Embora! As «Ondeantes», apesar de tudo quanto em seu desabono vai dito, constituem um mimo, e como tal devem todos adquiril-o e ao lél-o, verão como o espirito se lhes vai gradualmente embecendo n'um grande extase, mystico e suavissimo.

Não encarecemos, que não são sómos de tal indole: tudo quanto fica escripto a respeito das «Ondeantes» significa a sincera expressão do nosso sentimento e um honrado intuito.

Não fazemos critica: isto é sómente um pretexto para patentear a Alberto Bessa o nosso profundo reconhecimento pela dupla, e tão valiosa quanto immerceda offerta do livro e da delictoria.

E que Alberto Bessa me perdõe, se algum dia os meticulous virem na minha despretenciosa e humilima prosa apenas um réclamo ao seu bello livro e o accusarem de o haver mendigado!

São capazes de muito mais,—os aquelles!

Eu-Genio.

NOTICIARIO

A Companhia dos Bombeiros Voluntarios d'esta cidade, realisa hoje a festa commemorativa da sua definitiva instalação. Haverá exercicio geral na praça da Fructa, musica á porta da casa aonde se acha todo o material da companhia, estando a referida casa embellezada com tropheus e bandeiras e á exposição do publico que a desejar visitar. A' noite ha espectáculo no Theatro Aveirense, da lo por uma companhia de curiosos, revertendo o producto em beneficio da Caixa da Companhia dos Bombeiros.

E' uma festa simples mas sympa-

thica, porque recorda a data da realisação d'uma edeia altamente humanitaria.

Falleceu em Lisboa a distincta actriz Emilia das Neves, que se achava reformada desde 1880. Deixou uma fortuna de 60 contos.

Emilia das Neves nasceu de paes pobres em Bemfica, e entrou muito nova para o theatro da rua dos Condes, como bailarina. Ali recebeu bons conselhos, dos quaes resultou leccionar-se na arte dramatica com Emilio Droux, debutando com applauso no Auto de Gil Vicente, de Garrett. O seu repertorio compunha-se de 831 actos ou 217 peças.

O seu funeral effectuou-se no dia 20 pelas doze horas. O acompachamento compunha-se de cerca de 70 trens. Foi muito concorrido de actores e actrizes, auctores dramaticos, jornalistas, escriptores publicos e admiradores da actriz Emilia das Neves. A's argolas do caixão pegaram litteratos e artistas dramaticos. A grande actriz levava o fato que vestia em uma das suas melhores creações. Antes do caixão ser depositado no jazigo, fallaram a sr.ª Guiomar Torrezo, e os srs. Luiz Palmeirim, Brazão, João Roza e Baptista Machado. A Empreza do theatro de D. Maria depositou sobre o tumulo uma corôa.

Sabiu de Coimbra com direcção ao Teixoso, proximo da Covilhã, uma commissão composta de estudantes do 4.º anno de direito, que vai ali collocar uma corôa sobre o tumulo do ex-alumno de direito Antonio de Pinto Callado.

De Valle Maior, concelho de Albergaria a Velha, d'zem o seguinte:

«Na tarde de domingo ultimo, 16 do corrente, á porta de uma taverna em Valle Maior, concelho de Albergaria a Velha, houve uma desordem, sendo espancado com a corôa de uma espingarda o operario conhecido pelo alcunha de Manuel da Joaquina. O aggressor é filho de um lavrador, que já tem sido regedor da freguezia de Valle Maior. No tempo em que o pae era regedor, promoveu varias desordens, de que se sabiu sempre bem, graças á impunidade que lhe garantia a qualidade do pae. E' valentão de cacete, navalha e revolver, e parece nada receiar. As auctoridades não olham para isto e aqui quem quer anda armado sem licença e sem que ninguem faça caso. O resultado é haver qualquer dia uma grande desgraça a registrar.»

Se as auctoridades d'aqui me quizessem ouvir, dizia-lhes que cuidassem mais d'estes assumptos da segurança publica e menos de outros que tanto os preoccupam.»

Mais uma vez recebemos a honrosa visita da util e interessante publicação trimestral A Moda, editada pelos intelligentes, dignos e acreditados:imos industriaes os srs. Costa Braga & Filhos, proprietarios da Real e Imperial Chapelaria a Vapor, da cidade do Porto.

Entre os dezeseite modelos de chapéus que contem o n.º 5, que temos presente, encontramos dois, a que foi dado o nome de dois dos nossos preeminentes correligionarios os srs. drs. Theophilo Braga e Alves da Veiga.

Agradecendo a offerta do presente numero, cumpre-nos dizer, que os srs. Costa Braga & Filhos, são dignos dos maiores encomios, não só pela sua assiduidade ao trabalho, mas tambem pela patriótica edeia de disseminar gratuitamente pelo paiz e pelas outras nações, o magnifico jornal A Moda, que tão distinctamente provará aos olhos dos estranhos o progressivo desenvolvimento e grande perfeição a que se tem elevado a industria portugueza, sempre desprotegida e avitada pelos governos monarchicos.

E' muito curioso e engraçadissimo o facto succedido no domingo passado na igreja dos Clerigos, no Porto, e que, não obstante ter sido publicado p'r todos os jornas diarios, não podemos fugir á tentação de o relatar no nosso humilde semanario, attendeu á sua originalidade.

Eil-o!

Um padre que estivera confessando as beatas na igreja do Terço, tendo terminado aquelle santo serviço, di-

rigiu-se para a igreja dos Clerigos, entrou na sacristia e pediu licença para dizer missa. O encommendado recebeu-o bem e o padre paramentou-se e foi para o altar. O encommendado foi-lhe assistir, e qual não foi o seu espanto ao reparar que o padre não satisfazia aos requisitos da liturgia! Desconfiando d'elle, chamou um policia que o levou preso para averiguações.

O padre declarou no commissariado chamar se Manoel Fernandes das Neves, de 30 annos, solteiro, pedreiro (!!) e natural de Serxello. Que tomara a resolução de se fazer padre, porque como pedreiro levava muito má vida e que lembrando-se de um tio padre que tivera, que era encommendado de Serxello e que passava uma vida regalada e de fazer dinheiro, a ponto de deixar quatro contos de reis a uma creada que o serviu, por isso tomara o expediente de o imitar. Que se ensaiava ha dois mezes a dizer missa e que, na semana passada vendo que já sabia bem, se dirigira a uma costureira do Campo dos Martyres da Patria e lhe comprara uma batina, cabeção e barrete e que fora hontem a um barbeiro da rua Chã abrir corôa.

Este bom pandego, ainda chegou a offerecer 5:000 réis ao escrivão Nunes, para este o deixar continuar a fazer de padre.

Mas o que tem mais graça é o falso padre ter burlado as beatas, confessando-as e absolvendo-as de todos os peccados!

Sacrilegio! gritarão os tonsurados! E o caso é para isso!

Mas para os grandes males, ha grandes remedios. Mandai as logradas beatas purificar as almas para o Samedio; lave com agua de Lourdes os paramentos de que se serviu o falso padre; excommungue o sacrilego pedreiro livre e lance a interdicção nas igrejas do Terço e Clerigos.

Assim fica salva a igreja e ... e as beatas.

Começará a publicar-se em Lisboa, no primeiro domingo do proximo mez de janeiro, mais um jornal republicano dirigido pela sr.ª D. Angelina Vidal.

Este novo collega, denominar-se-ha A Nova Epoca. Bem vindo seja, e avante sempre pela Republica.

Segundo diz um jornal estrangeiro acaba de se descobrir uma nova virtude nos Eucaliptus.

Parece que a maior parte dos insectos que vivem á custa das fructeiras fogem do cheiro acre que os Eucaliptus exhalam, bastando até espalhar as suas folhas ao pé das fructeiras, para que esses insectos não se aproximem; obtendo-se o mesmo resultado, substituindo as folhas pela casca.

Com vista aos arboricultores.

De nada valeram os pedidos humanitarios do presidente da confederacao americana e do grande Victor Hugo! A rainha de Inglaterra não commutou a pena de morte ao condemnado O'Donnell que matou o vil delator Carey.

A monarchia é sanguinaria em toda a parte.

A justiça dos povos saberá cumprir com os seus deveres.

Assim o esperamos.

A Liberdade, do Mexico, publica o seguinte edital do alcaide da povoação de Casthanas, como remedio infallivel contra as estiagens:

«O alcaide da povoação de Casthanas:

Considerando que o Supremo Creador não se portou lá muito bem n'esta provincia e muito menos n'esta povoação, não fazendo cair na terra uma pinga d'agua e que este inverno, não obstante as preciosões, preces, novenas e terços nem uma vez ainda choveu e por consequencia adeus colheitas de Casthanas, e lá se vai o bem estar de tanta gente do departamento,

Decreta

Artigo 1.º—Se dentro do praso de oito dias a contar da data d'este decreto não chover abundantemente, ninguem mais irá á missa nem resará orações.

Art. 2.º—Se a estiagem durar mais que oito dias serão arrasadas e queimadas as igrejas e capellas, destrui-

dos os missaes, rosarios e outros objectos de devoção.

Art.º 3.º—Se finalmente for re-nitente em não mandar a chuva, passando o praso e a paciencia que por este decreto se outorga, serão degolados todos os padres, frades e freiras, beatas e santarronas. E pelo presente se auctorisa a todos quanto queiram commetter peccados á sua vontade para que o Supremo Creador fique sabendo com quem tem a entender-se.»

A França acaba de perder um dos escriptores mais iminentes do seu paiz. Boon Louiz Henri Martin, historiador francez, membro do instituto, senador, autor entre outras obras, duma magnifica Historia da França, a sua corôa de gloria, muito conhecida no mundo scientifico, nasceu a 20 de fevereiro de 1810 em Saint-Quentin (Aisne) onde seu pae natural d'esta cidade, era juiz do tribunal civil.

A sua educação foi dirigida por seu pae, seguindo depois como externo o curso do collegio de Saint-Quentin.

A principio seguiu a carreira do tabellionato, mas em 1830 lançou-se na carreira das letras, debutando com o Wolffhurm, de collaboração com o seu amigo e compatriota Felix Davin.

Depois emprehendeu a publicação da Historia da França, que foi a sua principal obra, e a qual o Instituto conferiu o premio biennial de 20:000 francos ou 3:600\$000 réis.

Henri Martin esteve em Lisboa quando se realizou o congresso anthropologico. Fintos os trabalhos do congresso visitou o Porto, acompanhado dos seus collegas, sendo apresentado á Sociedade de Instrução, que promoveu uma sympathica festa em honra do notavel historiador e dos seus companheiros.

Quando regressou a França, escreveu n'um jornal francez uma serie de magnificas cartas acerca de Portugal.

Haverá por ahí perto algum coio de irmãs da caridade, que colabitem com os jesuitas?

Esta pergunta salta-nos dos bicos da penna, em vista do grande numero de creanças que tem apparecido abandonadas!

Nada menos de quatro infelizes creancinhas foram expostas na noite da ultima quarta-feira. Uma, que teria já um mez de existencia, appareceu n'uma taverna da rua da Praça; outra foi encontrada na rua de José Estevão; e duas foram lançadas na roda.

Todos os dias, infelizmente, se repetem d'estes casos, incontestavelmente criminosos, sem que, ao menos uma d'essas desnaturadas mães, seja rigorosamente castigada, para exemplo, e para vêr se seria possivel obstar ao descarado abandono das creanças.

Para nós, é considerada peor de que um jesuita, a mulher, que, para encobrir os seus amores illicitos, pratica o deshumano crime de abandonar o ente creado nas suas entranhas.

Mais instrução e menos beatice, e creiam que o mal não progredirá tanto.

Em quanto entregarem a educação da mulher aos jesuitas e aos carolas, e lhe dêrem por escola a igreja, o abandono das creanças repetir-se-ha todos os dias, porque as beatas já perderam o medo ás penas infernaes.

Passou na quarta-feira n'esta cidade em direcção a Lisboa, o nosso distincto correligionario Teixeira de Queiroz, membro do directorio do partido republicano.

Já se acha installada na sua nova casa a Repartição de Fazenda d'este concelho.

A casa satisfaz em todo as exigencias d'uma terra d'esta ordem.

Foi preso em Chambéry (França), quando se introduzia em um quartel de infantaria, um espião allemão, ao qual foi encontrado um plano strategico de grande importancia.

Declarou chamar-se o conde de L... e ser official do corpo de engenheiros no exercito prussiano.

Espertezas de Bismarck, o velho matreiro e inimigo da paz.

As ultimas noticias chegadas da India, dizem-nos que appareceu o cholera morbus no districto de Damão.

**SUBSCRIÇÃO**  
PARA O MONUMENTO DE  
JOSÉ ESTEVAM

Transporte . . . . .	969\$960
Eduardo Fonseca . . . . .	\$300
Francisco dos Reis . . . . .	\$300
Antonio Marques d'Almeida . . . . .	1\$000
Antonio d'Oliveira . . . . .	\$300
Perpetua de Jesus . . . . .	\$100
José Trindade . . . . .	1\$000
Antonio Carlos Salgado . . . . .	3\$000
João Pereira Pinheiro . . . . .	\$500
João Rodrigues . . . . .	\$500
Francisco Ferreira d'Araujo Soares . . . . .	\$500
Manoel José Brandão . . . . .	\$500
Francisco Antonio da Silva . . . . .	\$500
<b>Somma . . . . .</b>	<b>978\$660</b>

Todos tem visto de certo  
A' noite e ao sol nado  
O horizonte coberto  
D'um] vermelho ensanguentado.

O povinho treme e ora  
Aos seus santinhos e . . . berra  
Que nós vamos ter agora,  
A Peste, a Fome e a Guerra!

Dizem ser um novo mundo  
Ou a cauda d'um cometa  
E que um perigo profundo  
Paira sobre nós! . . . E' peta.

A=causa=que procuraes,  
O=porque=tão desejado  
Das auroras boreaes,  
Eil-o emfim determinado!

Esses clarões coruscantes  
N'aquelle arqueado convexo  
Formando fogos gigantes,  
São apenas o reflexo

Da grande luz que irradia  
Durante a noite e o dia

Dos brachos, brincoes, amois  
E dos mil brindes que estão  
No 14 e 16  
Loja do **JOSÉ MOURÃO!!!**

**ANNUNCIOS**



**12 RETRATOS**

Esmaltados—mignonettes—  
**800 RÉIS**  
RUA DO JOSÉ ESTEVÃO, 47

**Aveiro**

**Alfaiates**

Precisam-se de tres officiaes de alfaiate, dois para obras miudas e um para obras de mais responsabilidade. Offerece-se cama, meza, roupa lavada e ordenado correspondente ao seu trabalho.

Quem desejar e estiver nos casos, pode dirigir-se a Joaquim José de Pinho, com estabelecimento de alfaiate em ARCOS DE ANADIA.

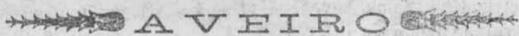
**COMPANHIA**  
DAS  
**Messageries Maritimes**



A Empresa promotora, por contracto com a dita companhia offerece passagem nos magnificos paquetes francezes a sahirem de Lisboa:—ORENOQUE em 8 de dezembro, directamente ao Rio de Janeiro, Montevideo e Bueno Ayres. SENEGAL em 23 de dezembro, para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.  
A mesa de 1.ª classe é commum para os sr.ª passageiros de 2.ª.  
Tracta-se em AVEIRO, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA  
48—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—50

**HOTEL CYSNE DO VOUGA**

Praça da Fructa



O local onde se acha situado, esta nova casa, os elegantes commodos e confortaveis aposentos, a limpeza e promptidão do serviço e a modicidade dos preços, tudo recommenda aos viajantes este esplendido hotel.

O proprietario encarrega-se de fornecer OVOS-MOLLES e MEXILHÃO, por preços rasoaveis.

Tambem está habilitado a fornecer vinhos de 1.ª qualidade, tanto verde como maduro.

O proprietario espera que todos os viajantes e habitantes d'esta cidade o honrem com a sua visita, porque, quem ali fôr a primeira vez, decerto voltará, attendendo a affabilidade do tracto e aos preços convidativos.

**IMPORTANTE**

A comissão abaixo assignada agradece por esta forma, visto não poder fazel-a individualmente, a todos os cavalheiros que se tem dignado coadjuval-a acceitando exemplares do almanach *Caridade*, editado para lenitivar as circumstancias d'uma familia, cujo chefe se acha na cadeia, e ao mesmo tempo roga a todos os cavalheiros, a quem o mesmo almanach foi remetido, e que até ao presente por qualquer circumstancia ainda não tenham respondido, a fineza de o fazerem, a fim da comissão poder descarregar o caderno respectivo, fechar suas contas e fazer entrega do saldo; e quando algum dos cavalheiros a quem nos dirigimos não possa ou não queira acceitar o livro, rogamos-lhe a fineza de o devolver para a séde da comissão rua da Magdalena, 230,—sobre-loja, Lisboa.

Não enviamos estampilhas por não sabermos quem são as pessoas que querem devolver livros, e por considerar-mos esse acto offensivo da generosidade d'esses cavalheiros.

De V. Ex.ª

Attentos veneradores e creados  
**Presidente**  
Dr. Francisco R. d'Oliveira Castello Branco.  
Vogaes

Dr. João Pinto Ludgero Machado.  
Bacharel Miguel Antonio da Cunha e Costa.  
Bacharel Hilario Jacintho de Jesus e Silva.  
Antonio Rocha—Empregado no Montepio Peltiano.  
Antonio Francisco da Cruz e Silva—Redactor do COMMERCIO.  
Pereira & C.ª—Negociantes.  
Mannel d'Assis e Costa—Jornalista.  
Adriano d'Amaral Albuquerque—Official de marinha.  
Januario de Oliveira—Logista.  
J. Garcia de Lima—Redactor do CLAMOR.

**ONDEANTES**

(Primeiros versos)

por  
**Alberto Bessa**

A' venda em formosa edieção  
*bijou.*

**PREÇO 240 REIS**

**Crimes de uma associação secreta**

Ultima e a mais interessante publicação de Xavier de Montepin, auctor dos romances: *Fiacre n.º 13* e *Mysterios de uma herança*.

- 1.ª Parte—A noite de sangue.
- 2.ª Parte—O olho de lynce.
- 3.ª Parte—A mãe e o filho.

Edieção ornada com chromos a finissimas cores e com primorosas gravuras. Cada chromo 10 reis, 50 reis por semana.

BRINDE a cada assignante, 100\$000 reis em 3 premios da loteria, um magnifico album com 15 vistas dos principaes monumentos da cidade do Porto, no fim da obra.

Assigna-se em todas as livrarias no escriptorio da empresa editora Belem & C.ª rua da Cruz de Pau, 26, onde se dão os prospectos.

**AS GUERRAS DE NAPOLEÃO I.º**

por  
**Eckmann-Chatrian**

Obra premiada pela Academia Franceza—Um fasciculo semanal de 4 folhas de 8 paginas e duas gravuras 50 reis—Assigna-se no escriptorio da empresa de Romances Illustrados rua da Fabrica, 66—PORTO, e em todas as livrarias e kiosques.

Acceitam-se correspondentes nas diversas terras do reino.

**LIVRARIA**  
DE  
**Mello Guimarães**  
AVEIRO

Elementos de grammatica portugueza, coordenados para uso das escolas elementares por J. Soares de F. e Castro, professor official.

SEGUNDA EDIÇÃO  
Preço, broch. 200 reis, enc. 280 reis.

**Leccionista**

ALEXANDRE DAS DORES CASIMIRO, lecciona em casas particulares, mathematica, portuguez e francez, e abre um curso nocturno de mathematica 2.ª e 3.ª parte.

Tractar na rua do Arco, Quinta da Apresentação, AVEIRO.

**Theatro Aveirense**

Domingo 23 de dezembro de 1883

Espectaculo dado por amadores em beneficio da caixa dos socorros da Companhia dos Bombeiros Voluntarios de Aveiro.

A comedia em 1 acto.

**UM NOIVO D'ENCOMENDA**

A comedia em 2 actos.

**CASAR PARA MORRER**

E a comedia em 1 acto.

Ciumes, amor, e cosinha

Às 7 horas e meia da noite.

**Photographia**

DE  
JOSE BERNARDES DA CRUZ  
82, RUA DIREITA, 82

**PORTUGAL DISSOLUTO**

**PROCESSOS ESCANDALOSOS**

DOS

Frades, das Freiras, dos Nobres, e dos Reis

**Por uma sociedade de homens de letras**

Emprehendendo esta publicação, a empresa da BIBLIOTHECA HORAS DE LEITURA, entende prestar um bom serviço aos que se empenham na santa cruzada da democracia, a que muitos pretendem oppôr as tradições de um passado que não conhecem. Destruir esse espantallo é pôr de parte um dos maiores obstaculos á refundição das sociedades modernas.

Conhecer a desmoralisação profunda em que jazeram as sociedades que nos precederam, não é um entretenimento de ociosos, nem satisfazer uma simples curiosidade brejeira, é, principalmente predispor os espiritos para a aspiração generosa de mais completos ideaes de justiça e de moral, que só nos podem advir do futuro e jamais do passado.

Já estão impressas as primeiras folhas da celebre

**CAUSA**

**DE AFFONSO IV**

A distribuição por fasciculos, em Lisboa aos senhores assignantes, começa no PRIMEIRO DE JANEIRO.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA:— Em Lisboa, semanalmente, acto da entrega, cada fasciculo de 6 folhas, 60 reis. Provincias e Açores, series de 4 fasciculos, pagamento adiantado, 240. Possessões Ultramarinas, por series de 12 fasciculos, pagos adiantados, 800. No Brazil o preço em moeda fraca é regulado pelos srs. correspondentes. A quem angariar e garantir 5 assignaturas sem outra comissão, um exemplar gratis. Correspondentes e livrarias, um exemplar gratis por cada serie de 10 assignaturas, além da comissão do costume. Assigna-se no escriptorio da empresa, rua da Roza, 273 a 275 e em todas as livrarias de Lisboa.

**OFFICINA DE SERRALHARIA**

DE

**JOÃO AUGUSTO DE SOUZA**

4---Largo da Apresentação---6

EM

**AVEIRO**

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

**TYPOGRAPHIA DO "POVO DE AVEIRO,"**

— RUA DIREITA — AVEIRO —

N'esta typographia executam-se todos os trabalhos concernentes á arte typographica, para o que tem uma variada colleção de phantasias e vinhetas modernas.

Imprimem-se bilhetes de visita a principiari em 360 réis, o cento.